

## Desporto Escolar e Desporto Federado: os Traços de Diferença

Francisco Sobral\*

### *Equívocos e preconceitos*

O tema das relações entre o desporto escolar e o desporto federado é geralmente abordado segundo dois estados de espírito antagónicos, um de conflito e outro de co-existência entre os dois sistemas. Poucos são os educadores e os agentes desportivos que escapam a esta bipolarização, muitas vezes expressa em termos maniqueístas, num conflito em que o Bem e o Mal são fixados ora de um ponto de vista educativo, ora de um ponto de vista da qualidade técnico-desportiva.

Não devemos iludir as questões e, muito menos, as realidades. Sabemos que a apologia do desporto escolar é tanto mais encarniçada quanto mais desfavorável a opinião que se tenha a respeito do desporto federado ou, como quase sempre se diz, *de competição*. É certo que as coisas não têm de ser necessariamente assim, mas é assim que elas acontecem. A escola é, nesta perspectiva, o lugar puro e purificador aonde a mensagem do desporto chega, e de onde parte, na sua versão mais genuína. De um lado o bálsamo, do outro a lepra, eis o que está subentendido muitas vezes na expressão «desporto em ambiente educativo».

A réplica do campo do desporto federado, *de competição*, não é menos contundente. O desporto, na escola, não passa de uma brincadeira, de um «faz-de-conta» que pode servir as finalidades da educação física mas que será incapaz de formar atletas e criar uma experiência competitiva realista. A impreparação técnica dos professores de educação física nas

---

\* Presidente da SPEF.

Boletim SPEF, n.º 2-3 Verão-Outono de 1991, pp. 11-19.

diversas modalidades compromete qualquer tentativa de formação desportiva no meio escolar.

Estas posições, de certo as mais radicais, enfermam dos erros próprios das apreciações sumárias e carregadas de proselitismo.

Por um lado, a escola não pode arrogar-se hoje um terreno impermeável aos vícios da sociedade. Nos meios urbanos e médio-urbanos a situação chega a ser deplorável em termos de violência e de marginalidade. Os factos são do domínio público, não há que escamoteá-los. Os professores conhecem-lhes tão bem as causas como as consequências.

Por outro lado, o desporto federado, salvo uma ou outra excepção, está ainda muito longe dos níveis de qualidade que lhe autorizam a sobrançeria crítica. A formação precária ou inexistente dos seus técnicos, aliada à penúria de meios e de instalações, é patente no desempenho dos nossos atletas, designadamente os mais jovens, quando em situações de confronto internacional. Por isso, antes de se lançarem numa encarniçada guerra de palavras, manda a prudência que as duas partes desenvolvam um pouco mais de argúcia sociológica, a escola; e uma visão mais imparcial das suas próprias limitações, o desporto federado.

Este caminho porém, se pode evitar a polémica estéril, não chega para alcançar o esclarecimento. Para que se conclua que duas entidades ou sistemas são, ou não são, relacionáveis entre si é preciso conhecer as suas diferenças e as suas semelhanças, tanto na sua natureza própria como nos fins para que concorrem. É a uma análise deste tipo que devemos sujeitar o desporto escolar e o desporto federado, a que vamos preferir doravante a expressão *desporto de excelência* (mais satisfatória, em nossa opinião, do que *desporto de competição* ou *de rendimento*).

#### DESPORTO

	Escolar	de Excelência
Finalidades, objectivos	Educativos Congruentes Diversos	Competitivos Educativos Incongruentes Específicos
Conteúdo material	Múltiplo	Singular
Nível educacional da instrução	Elevado	Baixo
Interacção	Formal (?)	Informal (?)
Dimensão do grupo	Grande	Pequena
Tempo	Pouco	Muito
Participação	Obrigatória	Voluntária
Prioridades	Participação	Rendimento

Quadro 1 — Características inerentes ao desporto escolar e ao desporto de excelência, segundo R. Telama (1988).

TELAMA (1988) oferece-nos uma síntese não especulativa, acentuando as diferenças, é certo, entre o desporto escolar e o desporto de excelência (Quadro 1). Cremos que as categorias são suficientemente exaustivas e que o modelo colhe uma aceitação generalizada.

A transposição deste modelo de Telama para a situação portuguesa não pode fazer-se directamente por dois motivos complementares. Em primeiro lugar, aquele autor considera, não o desporto escolar, mas a própria educação física escolar, em que o desporto (na Finlândia como em toda a parte, presentemente) constitui o conteúdo mais expressivo, se não mesmo exclusivo, do currículo. Em segundo lugar, o desporto escolar entre nós, tal como estabelece o Decreto-Lei n.º 95/91, é uma actividade de complemento curricular, o que, desde logo, retirando-lhe o carácter de obrigatoriedade, a aproxima do espírito de participação inerente ao sistema de desporto federado.

Aliás, o nosso subsistema de desporto escolar é talvez *sui generis*, na medida em que, invocando claramente uma filosofia centrada na escola e nas motivações pedagógicas, assume-se porém como uma réplica reduzida do sistema desportivo federado, tanto ao nível formal (das actividades) como na vertente de organização (quadros competitivos). Fica assim estabelecida uma convivência entre contrários, como sucede a propósito das categorias *participação* e *prioridades* (v. Quadro 1): a participação é voluntária, como no sistema federado, mas sujeita a protecção, o que é típico de uma revisão do desporto em contexto educativo.

No desporto escolar, a *participação protegida* pode revestir diversas formas. Nos Estados Unidos, por exemplo, MARTENS (1978) propôs que, nos desportos em que o contacto físico predomina ou é frequente, as crianças e os jovens fossem agrupadas segundo o seu estágio de maturação, já que o agrupamento por idade cronológica resulta sempre na reunião de participantes muito diferenciados, quer em desenvolvimento morfológico e fisiológico, quer em termos das suas competências sociais. Entre nós adoptou-se uma medida de protecção sempre polémica, impedindo o estudante-atleta de participar nas competições escolares da modalidade em que está federado. Outras estratégias de protecção consistem na redução das dimensões dos recintos e dos equipamentos, bem como em alterações aos regulamentos técnicos, tendo em vista proporcionar aos jovens menos dotados (designadamente os que fracassaram no desporto federado) ocasiões para darem expressão aos seus níveis de capacidade e concretizarem os seus motivos de participação social em actividades pessoalmente gratificantes (COAKLEY, 1980, citado por BURTON, 1988).

Este conceito de participação protegida, pouco conhecido e ainda menos analisado entre nós (de certo porque a dimensão real do nosso desporto infanto-juvenil ainda não impôs a sua discussão), está associado ao problema do *dropout* ou da eliminação precoce. Os dois, conjuntamente, retratam bem aquela que é, em nossa opinião, a diferença

essencial entre desporto em contexto educativo e desporto no sistema federado, entre desporto escolar e desporto de excelência.

Essa diferença é da ordem da filosofia. Ora toda a filosofia da educação que informa a escola europeia, desde os finais do século XVIII até aos nossos dias, é inquestionavelmente *igualitária*. Mesmo quando parece privilegiar o singular (e.g. ritmos de aprendizagem, individualização do ensino), é ainda o projecto igualitário que está presente: todos deverão aceder ao mesmo património de saberes, porque os homens não nasceram apenas iguais em direitos mas estão destinados a partilhar também um mesmo tecto de aptidão cognitiva. Os desvios de percurso são sempre superáveis pela aplicação do educando e pela competência do educador. Este igualitarismo pedagógico é tanto mais interessante, numa perspectiva histórica, quanto a sua consolidação ocorre ao mesmo tempo que a biologia adquire a consciência da singularidade dos organismos e representa a vida como uma competição sem tréguas, em que os mais aptos se perpetuam e os menos aptos perecem enquanto indivíduos e enquanto espécie.

Em contrapartida, o desporto não é igualitário. A essência do desporto tem a sua expressão na diferença, na vantagem de um sobre o outro contendor. Em todo o acto desportivo está implícita a afirmação de uma supremacia. Daqui resultam todos os conflitos e os professores de educação física vivem esta condição trágica de tentar a improvável conciliação entre Rousseau e Darwin, entre o pensamento pedagógico, fundado numa ciência dos valores, e a lógica do desporto, mais afim do pensamento biológico e, logo, fundada numa ciência dos factos da Natureza.

O *dropout* é uma resultante da prática do desporto no «estado selvagem», enquanto as estratégias de protecção testemunham já a «domesticação» do desporto à luz de critérios pedagógicos muito enraizados na instituição escolar.

Desporto escolar e desporto de excelência não se distinguem apenas pelo grau de participação protegida que, no segundo, seria aliás absurda. Duas outras categorias consideradas no modelo de Telama merecem, pelas suas implicações, referências particulares. Trata-se da dimensão do grupo de ensino/treino e do tempo dispendido nas tarefas de preparação/competição.

A tendência natural é para que o grupo desportivo escolar exceda significativamente a dimensão do grupo de trabalho no clube federado. Isto que pode interpretar-se como condição de uma preparação mais exigente é também uma consequência da filosofia igualitária que preside à participação nas actividades escolares. A qualidade da preparação resulta por isso afectada, seja qual for a competência dos técnicos e o desafogo dos recursos materiais. Eis pois uma limitação à qualidade do desporto escolar imposta pela tábua dos valores da pedagogia.

O tempo ocupado na preparação desportiva é também muito diferente no grupo desportivo escolar e no grupo que persegue objectivos de excelência, quer em termos absolutos, quer em termos da sua distribuição semanal. Este aspecto pode ser apreciado segundo duas ópticas simétricas: por um lado, o desporto é apenas uma de entre as muitas e díspares actividades que decorrem no espaço da escola; por outro lado, e em consequência, a participação do jovem no desporto federado impõe sempre uma organização especial da sua vida quotidiana, tanto na esfera escolar como nos domínios familiar e do tempo livre.

Podemos assim acrescentar às categorias definidas por Telama algumas outras que diferenciam a participação no desporto escolar e no desporto de excelência (Quadro 2).

	DESPORTO	
	Escolar	de Excelência
Planeamento da preparação	Curto prazo	Médio/longo prazo
Incentivos	Internos	Internos/externos
Frequência competitiva	Reduzida	Intensa
Potencial ansiogénico	Baixo	Médio/elevado
Interferência nos padrões de vida quotidiana	Não significativa	Muito elevada

Quadro 2

### *Origem e qualidade dos incentivos*

Seja qual for o contexto da prática desportiva do jovem, o motivo de participação mais decisivo será sempre o interesse pessoal e o prazer da actividade. Os psicólogos que têm estudado esta faceta do desporto infanto-juvenil do ponto de vista das teorias da personalidade e da motivação apontam a *competência subjectiva* como um factor de reforço que explica a adesão do jovem atleta a programas de preparação de grande exigência física e psíquica. A competência subjectiva (*perceived competence*) é a representação que o jovem tem do seu valor e das suas próprias capacidades, logo uma medida com profundas, e quase sempre contraditórias, implicações e consequências de ordem cognitiva e de ordem afectiva (BURTON, 1988). Os estímulos de participação provenientes do meio familiar ou de círculos mais amplos do envolvimento sócio-cultural determinam em grande parte o realismo com que essa medida é formulada.

No desporto escolar este problema não reveste a dimensão que é conhecida no contexto do desporto de excelência, já que o impacto social

do êxito está confinado a um círculo mais restrito e a um sistema de gratificação centrado sobretudo na própria actividade. A orientação pedagógica do desporto escolar deverá promover assim os incentivos internos e a competência subjectiva centrada no desempenho absoluto (*performance oriented*), remetendo para um plano secundário a competência subjectiva centrada no desempenho relativo (*outcome oriented*). No primeiro caso, o atleta avalia o seu desempenho em função de critérios pessoais de excelência, enquanto no segundo a avaliação implica um processo de comparação social. Em algumas modalidades, como o atletismo e a natação, estas duas formas coexistem «naturalmente» na prática de excelência: a marca pessoal é, em certas circunstâncias, tanto ou mais importante do que a classificação obtida. Por outro lado, o desporto escolar não exclui a emulação própria de toda a prática desportiva, podendo ser, pelo contrário, a única oportunidade para muitos jovens adquirirem competências desportivas e lúdico-recreativas num intenso clima de participação social.

### *Preparação e experiência competitiva*

O contexto escolar da prática desportiva imprime, além de valores orientadores específicos, diferenças essenciais no que respeita às características da preparação e da experiência competitiva dos jovens. A *carreira desportiva*, na acepção que lhe é dada pela metodologia do treino, é um conceito desprovido de sentido neste contexto, o que se reflecte desde logo no processo de preparação, planeado e conduzido numa perspectiva de curto prazo e condicionado pelos ditames do calendário escolar. Em comparação com o desporto de excelência, também a experiência competitiva é aqui «mitigada», tanto em qualidade como em quantidade, o que desde logo compromete a realização de uma unidade fundamental da preparação desportiva de excelência, o ciclo *treino-competição-regeneração* (BOMPA, 1990). O próprio formalismo da competição desportiva federada, baseado numa hierarquia desde o nível escola até ao nível nacional, é rejeitado por muitos professores que preferem mais informalismo na organização das competições escolares, privilegiando os convívios desportivos (sem que se dilua o agonismo natural e sadio) e os quadros competitivos de base local.

### *Stress e ansiedade pré-competitiva.*

O potencial ansiogénico da competição em qualquer contexto do desporto infanto-juvenil tem sido objecto da curiosidade dos psicólogos do desporto e preocupação de professores e de treinadores. As posições normativas a este respeito são muito divergentes e o próprio *stress*

passou a revestir duas qualidades: o *stress* positivo, um estado de desequilíbrio entre a situação competitiva e o organismo mas que este pode tolerar e a que pode reagir por sobre-compensação; e o *stress* negativo que importa a todo o transe prevenir, designadamente no desporto das crianças e dos jovens.

Porém, quando se abandona o registo normativo (o discurso sobre o *como deve ser*) e se entra na consideração neutra dos factos, como é próprio do método científico, ocorrem não poucas vezes descobertas que abalam as convicções mais arraigadas. MARTENS (1988), por exemplo, investigou os níveis de ansiedade pré-competitiva das crianças em sete modalidades desportivas (futebol americano, hóquei, beisebol, natação, basquetebol, ginástica e luta), e em quatro outras situações (educação física, teste escolar, competição musical para grupos e competição musical para solistas). Apesar da importância que revestem, nos Estados Unidos da América, as competições para crianças e jovens em algumas daquelas modalidades (existem há muitos anos as chamadas *little leagues* que são poderosas organizações do sistema desportivo norte-americano), o nível mais alto de ansiedade pré-competitiva foi encontrado entre os músicos solistas, seguidos a boa distância pelos lutadores e pelos ginastas. À educação física escolar correspondeu, naturalmente aliás, o mais baixo valor de potencial ansiogénico.

Muitas vezes, os professores de educação física perfilham posições maximalistas face à preparação desportiva dos jovens que, além de incorrectas, não são imparciais no conjunto das diversas disciplinas educativas. Por exemplo, a música e a dança são tanto ou mais exigentes em tempo de prática, *dréssage* e nível de desempenho do que qualquer disciplina desportiva. Um jovem que estude quatro ou cinco horas diárias de violino não suscita a décima parte das reservas e das objecções que, em nome da pedagogia, se levantam contra as duas ou três horas de treino diárias de um nadador ou de um ginasta da mesma idade. Ainda que as duas formas de actividade tenham implicações diferenciadas, designadamente orgânicas, cremos que é exigível perfilar uma crítica pedagógica mais global e equitativa.

### *Prática desportiva e organização da vida quotidiana*

Que a actividade desportiva de excelência interfere profundamente com os padrões comuns da vida escolar e familiar do jovem é um dado adquirido, bem presente aliás na frequência com que as federações, os clubes, os treinadores e os próprios atletas se queixam das dificuldades «insuperáveis» de articulação dos calendários do estudante e do atleta. Muitos países, a leste e a oeste (França, Espanha, por exemplo), criaram soluções especiais através dos liceus desportivos, das «residências», dos planos escolares adaptados ao planeamento da preparação desportiva.

Em Portugal, a Lei do Bases do Sistema Desportivo prevê a adopção de medidas especiais para o regime de escolaridade (Artigo 15.º, 3), cuja implementação vai de certo impôr dificuldades quer às escolas (a funcionar em condições críticas de lotação e de quadros docentes), quer às federações (com enormes carências de enquadramento administrativo e técnico-pedagógico).

A interferência da prática desportiva de excelência na vida familiar, embora profunda em muitos casos, é todavia melhor tolerada. Esta situação só na aparência é paradoxal. Com efeito, a adesão da criança ou do jovem a um sistema tão exigente de preparação desportiva não resulta apenas dos seus predicados nem das suas motivações mas, quase sempre, de um fortíssimo incentivo familiar. Aliada às pressões decorrentes da preparação e da competição desportivas, a pressão familiar sobre o jovem atleta pode ser tão intensa e perniciosa que alguns psicólogos e pedagogos do desporto, com ironia seguramente, advogam em tais casos o carácter urgente de uma *parentectomia!*

### *Objectivos do Desporto Escolar numa óptica de articulação com o Desporto de Excelência*

Como é evidente, estes problemas não dizem respeito (não podem respeitar sequer por hipótese) ao desporto escolar. Há diferenças essenciais, *sistémicas*, entre o desporto escolar e o desporto federado dirigido para o alto rendimento que não podem ser iludidas. Se não se discute que, no clube ou na escola, treinador e professor *devem* imprimir uma *intenção educativa* a todos os seus actos, um e outro deparam com motivações, condições, níveis de exigência e de expectativa que vinculam diferentes competências e formas de intervenção específicas.

Apesar dos muitos traços de diferença, é todavia possível, e desejável, apreciar o desporto escolar e o desporto de excelência numa óptica de articulação e de complementaridade. Muitos jovens têm aspirações a uma carreira desportiva e vêm na transição da escola para o clube uma promoção que os gratifica e lhes proporciona um círculo mais amplo de relações sociais. A escola pode contribuir positivamente para essa transição consciente e «protegida»:

- Promovendo a aquisição de *competências sociais* através da animação desportiva do espaço escolar, mobilizando as crianças e os jovens para uma vasta gama de tarefas inerentes ao acontecimento desportivo (enquanto praticantes, dirigentes, árbitros, etc.);
- proporcionando situações realistas de *auto-avaliação* do potencial desportivo dos jovens, facultando os elementos objectivos de orientação para a prática de excelência segundo os seus interesses e as suas aptidões;



- oferecendo situações de *ensino avançado* do desporto, numa óptica disciplinar e num grau de especialização adequado às idades dos participantes;
- cooperando com o Sistema Desportivo Federado na formação de uma atitude cultural face ao fenómeno desportivo, incentivando *trocas de serviços e de recursos*, designadamente em termos de apoio técnico-pedagógico, instalações e logística.

E, acima de tudo, evitando exorbitar diferenças onde os jovens dificilmente as reconhecem.

### **Referências**

- BOMPA, T. O. (1990) *Theory and Methodology of Training — The Key to Athletic Performance*, Dubuque, Iowa: Kendall/Hunt Publ. Comp.
- BURTON, D. (1988) *The Dropout Dilemma in Youth Sports: Documenting the Problem and Identifying Solutions*, in Young Athletes, R. M. Malina (ed.), Champaign, Ill.: Human Kinetics.
- COAKLEY, J. (1988) *Play, games and sport: Developmental implications for young people*, *Journal of Sport Behaviour*, 3, 99-118.
- MARTENS, R. (1978) *Joy and Sadness in Children's Sports*, Champaign, Ill.: Human Kinetics.
- MARTENS, R. (1988) *Competitive Anxiety in Children's Sports*, in Young Athletes, R. M. Malina (ed.), Champaign, Ill.: Human Kinetics.
- TELAMA, R. (1988) *Sports In and Out of School*, in Young Athletes, R. M. Malina (ed.), Champaign, Ill.: Human Kinetics.